

Eu busco a comunicação.

“... nenhuma informação pode ser criada ex-nihilo,
mas tudo o que fazemos se limita a manipular
informações adquiridas.”

Vilém Flusser

Como uma exposição é concebida? – Bem, são várias essas concepções, mas normalmente, para curadores, tem a ver com pesquisas, inquietações, questionamentos e como isso pode se conectar com a arte. Esta exposição surgiu numa conversa com dois amigos artistas: “que tal você pensar numa exposição coletiva com artistas diversos/as?”. Convenhamos que há um aspecto genérico nesta sugestão/provocação, mas em casos como esses é necessário que o eixo, o assunto principal da exposição, seja maleável o suficiente para acolher pontos de vista diversos, sem que ele se rompa. Há algum tempo me inquieta como as informações chegam e são assimiladas por todos nós. Uma informação que é manipulada de maneira maldosa ou mesmo criminoso tem efeitos cada vez mais sérios e desagregadores na sociedade. Talvez seja difícil compreender isto a partir de nossa experiência cotidiana, ou seja, não ter como analisar a informação que se transforma em comunicação (maneira direta) ou cultura (maneira indireta), a partir do presente; o mais comum é que se faça isso quando o presente se torna passado. Mas, e quando a informação que adquirimos é manipulada através da arte contemporânea?

...

Nos encontros e conversas com os onze artistas da exposição usei principalmente escritos do filósofo Vilém Flusser, que pensou, de maneira digamos visionária, aspectos da comunicação e da linguagem. Fiz uma pergunta básica, mas também retórica: Arte é comunicação? – Na verdade a pergunta nos leva a pensar qual maneira ou tipos de comunicação a arte suporta, como os artistas e as linguagens de suas obras poderiam ser compreendidas.

Uma pequena digressão: as escolhas dos artistas / obras levou em consideração a relação do diálogo entre elas e para isso era necessário que elas suportassem várias camadas de informação.

Dito isto, a exposição também se construiu como camadas no espaço expositivo. Na entrada, um espaço que é também um corredor, há uma obra de cada artista à maneira de um glossário. Adentrando a Casa Contemporânea propriamente dita, a sala à direita possui obras com graus políticos variados. Bom reforçar que política se refere, em essência, à ação dos cidadãos na Pólis, um espaço geográfico determinado, e na sociedade. Pois bem, **Vitória Kachar** nos apresenta um *site specific* composto por gravuras, tecidos com bordados e documentos apropriados; a necessidade de deixar a terra onde se nasce, algo tão presente e que de maneira trágica ocorreu ao longo da história, e as migrações que desenraizam as pessoas, são tentativas de compreender o que aconteceu aos seus pais e aos milhares de migrantes no mundo. Na mesma linha, **Leila de Sarquis** busca dar voz a sua indignação perante as tragédias e desigualdades que afligem um grande contingente humano, notadamente as mulheres, em dois trabalhos; neles também o componente da ancestralidade está presente, junto de uma religiosidade não dogmática. **Rogério Pinto** com a pintura *homens-cachorro* suporta uma leitura mais politizada do que a maioria de seus trabalhos, pois temas como racialização e convivência interespecies ficam evidenciadas. Assim também podemos encarar parte da série de imagens de **Adriana Amaral**, acrescida de uma camada que traz um tema preocupante e polêmico: a denominada Inteligência Artificial. Colocados na parede em frente a estes dois artistas temos uma tela de **Beatriz Sztutman** onde uma provável escrita surge em embate sob uma cor de forte caráter. Como é quando não entendemos uma informação, mas ela nos parece familiar? – Ou então quando reconhecemos a informação, o que ela nos comunica, mas o impacto das imagens é tão forte justamente por nos apresentar, e não representar, acontecimentos recentes da política brasileira? É isto que as três fotografias de **Heloisa Ramalho** fazem.

Na sala oposta, à esquerda, o enfoque parece ser diferente, mas guardam aquela relação política em essência; o contexto porém é potencializado pelo viés irônico e da história da arte. Esta representação é mais direta e bem sucedida nas pinturas de **Cynthia Leitão** que, em suas próprias palavras, buscam “construir uma imagem leve e bem humorada”; a relevância dessa ação despreziosa é que ela se vale de um tema clássico na história da arte como a natureza morta. **Rogério Pinto** usa de uma composição recorrente nos dois trabalhos desta sala: a divisão da tela em duas partes criando um diálogo inusitado (*ovelha e flores e bandeira cachorro*, onde é difícil não pensar no diálogo divertido com Volpi). **Isaac Sztutman** usa o avesso da ironia: sua tela nesta sala tem a seriedade da pintura enquanto linguagem arcaica, no sentido de origem, e sua

revisitação à própria história da pintura moderna. Entre **Isaac** e **Rogério, Amaral** tem outra parte das imagens construídas por inteligência artificial; a contextualização destas é mais irônica quando atentamos para detalhes da imagem que a suposta “inteligência” constrói a partir da artista-programadora. Por último, nesta sala, temos duas peças de **Edilaine Brum**: *Coração de bananeira* (em cerâmica) e *Forma de gesso* (em gesso). Ainda que a artista encare com seriedade a linguagem da cerâmica, o significado de “coração” ligado ao signo vegetal através da metonímia guarda, por conotações brasileiras, uma carga dúbia e irônica.

Para irmos a camada superior destas linguagens dialogando no espaço, o início da escada tem uma instalação de **Selma Fukai**, onde peças de cerâmica (com esmaltes desenvolvidos pela artista) flutuam e nos conduzem para subir a escada; não sem antes vermos duas imagens fechando a série apresentada por **Amaral**. Uma linguagem arcaica dialogando com outra fortemente tecnológica. Ao chegar ao hall superior **Isaac Sztutman** nos recebe com uma pintura onde elementos também parecem flutuar. Será isto mesmo? Ou será outra sensação que elas nos comunicam? Assim adentramos a última sala, que busca estabelecer diálogos permeados por abordagens antropológicas e atualizações de linguagens arcaicas. Destas linguagens os desenhos de grande formato de **Edilaine Brum** são tanto expressivos e viscerais como guardam a relação corpórea que os criou. Ao lado de um deles, **Leila de Sarquis** também apresenta um desenho, assim como uma pequena tela de **Rogério Pinto**. Deste artista a tela *urso bolas* tem uma relação enigmática tanto interna quanto externamente aos trabalhos do qual está mais próxima. O primeiro é a série de aquarelas *Beneduras* de **Roberta Bottcher**. Ao lado seis telas de **Beatriz Sztutman** nos mostram aquela provável escrita ou mesmo uma escrita assêmica (de forma semântica livre ou sem conteúdo específico) explorando a linguagem pictórica. Entre estes trabalhos um livro de artista de **Kachar** está localizado. Nestes três trabalhos as subdivisões da linguagem da arte assumem possibilidades variadas. Esta parte da sala conclui os diálogos com a série *Beiradas Tatuadas*, de **Bottcher**. Bordados em peles de animais emulam mandalas ou desenhos ancestrais e uma cosmogonia tanto arcaica quanto animista que também está presente nas *Beneduras*. Na outra parte da sala, duas telas de **Isaac Sztutman** reforçam sua ligação com a pintura moderna, mas trazendo-a para um registro mais contemporâneo, de explorar a linguagem pictórica com elementos que juntam algo mais reconhecível (uma composição com objetos) e um elemento abstrato (a faixa que ocorre na borda de cada uma das telas, semelhante ao padrão de impressões à cores. Ao lado a tela *Paraíso* de **Leila de Sarquis** volta a explorar um tema arcaico e ancestral ligado à uma certa religiosidade. Três fotografias de **Heloisa Ramalho** são imagens que poderíamos chamar de natureza; mas no que essa natureza está transformada? Ou fomos nós que a transformamos? Estas questões concluem a exposição.

...

Flusser afirma em um de seus textos que “...a informação só pode alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há um equilíbrio entre discurso e diálogo”. Mesmo tendo escrito este texto em meados dos anos setenta, ele anteviu que cada vez mais teríamos a predominância do discurso em detrimento do diálogo. Isto, como vemos, torna as pessoas solitárias apesar da conectividade cada vez maior com as fontes de informação e as coloca à margem da sociedade, pois esta também começa a se desfazer.

Como aconteceu em outras épocas, é necessário retomar a primazia do diálogo, em suas várias formas e linguagens. Talvez a arte possa vir a ser uma destas linguagens, desde que ela mantenha a ideia de “jogo”, um embate dialógico entre visões e ações diferentes na sociedade, que possuem regras que ordenam este embate, mas que no decorrer da ação nos surpreenda com resultados imprevisíveis. Informações que sejam manipuladas visando a comunicação que reforce um reconhecimento de nós enquanto seres no mundo. Um jogo estimulante e que nos traga de volta ao humano e não nos coloque, ou à uma grande parcela, à margem desta condição.

Marcelo Salles, maio de 2024.

11 de maio a 15 de junho

Terça a sexta das 14 às 19h.
Sábados das 11 às 17h

R. Capitão Macedo, 370. V. Mariana – SP

casacontemporanea370.com
[@casacontemporanea370](https://www.instagram.com/casacontemporanea370)
contato@casacontemporanea370.com


CASA CONTEMPORÂNEA
ATELIER EXPOSIÇÕES DEBATES
